ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

O COTIDIANO DA PRÁTICA DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

MARIA DE JESUS GONÇALVES

G635e

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda MT
RG Nº. 5412
Data 12 / 05 / 99

Pontes e Lacerda – MT, setembro de 1998

Turma- 1998/1
Ex. 01

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

O COTIDIANO DA PRÁTICA DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Ensaio monográfico propositado na disciplina de Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e Literaturas no VIII semestre do Curso de Licenciatura Plena em Letras, no Campus Universitário de Pontes e Lacerda – MT.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Pontes e Lacerda, setembro de 1998.

Com insuspeito carinho, dedico esse momento aos meus três grandes amores: Roberto,
Roberta e
Beatriz.
Monitores intelectuais de minha conquista.

"O objetivo literário é um estranho pião, que só existe em movimento. Para o fazer aparecer, é preciso um ato concreto, que se chama leitura e leitura o tempo que esta leitura durar. Fora disso só existem traços pretos sobre o papel."

Sartre

SUMÁRIO

1. Introdução.....09

2. Fundamentação Teórica.....11

3. Em busca de dados.....14

4. Análise 18

5. Considerações Finais.....29

6. Bibliografia.....31

7. Anexos.....33

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Apresentação

A presente pesquisa tem por objetivo enfocar o trabalho pedagógico dos professores da Língua Portuguesa, na prática de interpretação de texto, na Escola estadual de 1° e 2° Graus " Deputado Dormevil Faria".

Sabedores que somos do fracasso escolar, no aspecto referente à formação de leitores, partimos do ponto de vista de que a escola é uma instituição que muito contribui para isso, por trabalhar com registro verbal da escrita. Ela mesma por sua vez, deve considerar o conhecimento que o educando traz para a sala de aula, visto que esses conhecimentos o auxiliarão na assimilação de uma nova leitura.

É através da atividade escolar de interpretar o texto, que os alunos podem aprender mais sobre a leitura, uma leitura que depende não só do conhecimento da escrita, mas da relação entre escrita/sujeito/texto, em determinada situação social, tendo o educador apenas como mero mediador para essa interlocução. No entanto, na maioria das vezes, é freqüente acontecer em sala de aula, leituras de forma: "a crítica", isto é, o aluno não pode posicionar-se nem contra e nem a favor. Tendo-se nesse processo o professor como "autoridade" plena e suprema.

Em conseqüência dessas atividades nada produtivas, a formação do aluno fica comprometida, pois o mesmo no decorrer do tempo estará com suas leituras restritas para exercer prática de interpretação de texto . Por não ter aprendido a degustar as leituras por não ter passado pela fase de amadurecimento para aprofundar idéias expostas, consequentemente , e não ter tido um mediador para estes processos no contato leitor/texto, o aluno não consegue refletir sobre elas.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Partindo dessa premissa, esta pesquisa tem como propósito levantar a questão para discussões e reflexões sobre "a prática em sala de aula".

É possível que o professor em sala de aula, esteja procedendo de forma equivocada, imprimindo ao processo da prática de interpretação de texto, a posição de dono da verdade institucionalizada frente aos alunos?

Será que o método de leitura utilizado pelo professor em sala de aula não estaria prejudicando os alunos na prática de interpretação de texto, visto que a leitura é que lhes fornece a matéria prima para um bom entendimento?

Temos como base a concepção de que a formação de um leitor competente que compreenda o que lê, e que seja capaz de ler inclusive o que está escrito nas entrelinhas, só poderá ser alcançado mediante uma prática constante de leituras de diversas fontes. Portanto, é preciso superar algumas concepções equivocadas sobre o aprendizado da leitura que a escola vem produzindo (decodificação).

Entendemos que a leitura é de suma importância para a prática de interpretação de texto e isso requer condições favoráveis para esse procedimento, o que muitas vezes não acontece na escola.

O professor e o aluno muitas vezes não dispõem de uma boa biblioteca na escola o que não lhes proporciona o acesso a bons textos e consequentemente a agradáveis momentos de leitura. Por outro lado, se o professor tirasse uma aula para leitura do texto a ser interpretado, a margem para reflexão e leitura seria maior. Além disso, o professor, na interpretação de texto, deveria aceitar as respostas dos alunos, observando sempre, se estes textos condizem com a idade deles.

Esses e muitos outros pontos tornam a leitura uma seqüência de momentos vagos e incapazes de construírem no educando uma visão formadora, destruindo a leitura que o aluno trouxe consigo para a sala de aula.

Tendo essa concepção do que seja uma boa leitura, resolvemos ir a campo para uma observação detalhada sobre o método de ensino e a prática de interpretação de texto em sala de aula.

Para proceder a análise ora proposta, tenho como corpus a observação em sala de aula de três professores, de 5ª,6ª e 8ª séries, perfazendo um total de seis aulas observadas no período matutino. Analisei também o plano de Língua Portuguesa e a Proposta Curricular no que se refere ao assunto tratado.

Fundamentação Teórica

A escola, atualmente, apresenta-se desvinculada da realidade do aluno e isso nada mais é do que o reflexo de uma política educacional que não privilegia a educação.

Essa situação interfere negativamente no funcionamento do ensino, tendo em vista, os constantes cortes de verbas para a educação, o desrespeito ao trabalho dos educadores quer pelos baixos salários, quer pelo não investimento na formação, a inexistência de bibliotecas, etc.

O resultado direto disso, na prática pedagógica são professores não preparados para prática de ensino e orientação de leitura, uma vez que além de sua formação ter sido deficiente, não lhes são ministrados outros cursos, esses não dispõem de recursos para adquirirem livros, não dispõem de tempo para preparar aulas devido a sobrecarga do trabalho, etc.

Nestes termos, o planejamento da leitura quando pensado pelos educadores, "segue a linha do casuísmo, da não-sequenciação, da não-integração."(Freire, 1997). Tal planejamento leva a prática espontaneista e desvinculada do contexto uma vez que os professores decidem ao acaso que leitura se deve fazer do texto.

Na prática pedagógica, o professor em sua maioria, se utiliza de trabalhos dirigidos, com leituras previstas e cristalizadas. Os livros didáticos trazem textos que já foram legitimados pelos críticos, tendo o professor como repassador do entendimento proposto. Em sua prática, este ratifica as idéias neles contidas, criando um círculo vicioso entre crítico/professor/aluno.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

"Uma prática constante de leituras na escola deve admitir várias leituras, pois deve ser superado o mito da interpretação única, que é encontrada nos textos de livros didáticos" (Proposta.Curricular, 1997). Nestes livros os textos são tachados com ideais, porque passaram por um processo de legitimação pelos críticos. Muito embora, muitos textos têm a legitimação até por uma forma de necessidade, como por exemplo a Bíblia, Código Tributário, Penal, etc. A inclusão dessa legitimação na leitura, implica fatores importantes como o seu aspecto histórico e por outro lado a história de leitura do leitor, visto que essa leitura legitimada poderá expandir o conhecimento deste, ou restringi-lo com essas leituras.

Pelo exposto fica fácil concluir que o ensino da Língua Portuguesa, especificamente no que diz respeito à prática de interpretação de texto tem sido vítima de uma série de problemas oriundos da falta de uma reflexão sobre o processo de ensino aprendizagem.

A leitura na escola tem sido fundamentalmente um objeto de ensino. E para que aconteça a aprendizagem, é preciso que esse ato faça sentido para o educando. A leitura proposta pela escola, em sala de aula é uma leitura mecânica decodificada, que é realizada em nível de identificação. Esta, vem com o propósito de obter resposta única e universal nas práticas de interpretação de textos.

Num sentido mais amplo, o trabalho com leituras tem como finalidade a formação de bons leitores.

> *"Nesse processo o leitor realiza a construção do significado do texto a partir das suas leituras prévias, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor e tudo que for*

relacionado à escrita. Essa atividade não é simplesmente decodificar palavra por palavra, mas sim, fazer uma compreensão, no qual, os sentidos do texto começam a ser constituídos a partir de seus conhecimentos antes adquiridos". Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997)

Deve-se Ter em mente , que a leitura é produzida em um contexto socío-histórico que deve ser respeitado.

A escola tem que recuperar "a leitura fruição do texto", para que o aluno possa ler por ler, sem compromisso, sem que tenha preocupação com o resultado desse tipo de interlocução.

Pode-se resgatar esse prazer pela leitura a partir de três princípios, como sugere Geraldi (1984 p. 86) O primeiro é o caminho do leitor. Nesse processo cabe ao professor respeitar o íntimo de cada aluno.

"O respeito pêlos passos e pela caminhada do aluno enquanto leitor (que se faz pelas suas leituras como nós nos fazemos leitores por nossas leituras) é essencial. Nesta caminhada é importante considerar que o enredo enreda o leitor".

O segundo é chamado de circuito do texto. Neste caso, a leitura é sugerida por outrem, dá-se de forma livre de compromisso, acontecendo na maioria das vezes um melhor aproveitamento, pois o leitor não teve cobrança.

"Isto é, lemos livros de que tivemos notícia, dependendo de quem foi nosso informante.

Parece-me que os livros fazem, fora da escola, um circuito que possa por relações de vários tipos que matemos com diferentes pessoas (...) Creio que a saída prática do professor d Língua Portuguesa é criar este mesmo circuito entre seus alunos (...)".

No terceiro princípio, Geraldi coloca que é possível obter uma boa leitura a partir de um único texto ou obra, pois toda leitura depende de leituras prévias que lhes dêem subsídios e auxiliem na compreensão deste.

"a qualidade (profundide) do mergulho de um leitor num texto depende e muito, de seus mergulhos anteriores. A quantidade ainda pode gerar qualidade".

O educador tem que ter a visão de que o texto é auto-suficiente, há uma relação de pluralidade nele, pois cada momento terá uma prisma histórica diferenciando-o . "Podemos mesmo dizer que as leituras tem suas histórias, no plural" (Orlandi , 1993).

Não nos basta ler muito, é preciso saber ler. Não podemos fazer uma leitura que seja apenas decodificação. Precisamos ler as entrelinhas.

O educador tem que saber que ler é um ato de sentir o texto e atribuir-lhe significações a partir de outras leituras significativas.

Para que o processo permita a leitura proposta por Geraldi, é preciso que se retire o aluno da leitura acomodada, faça-o questionar, criticar, destrinchar o texto em todos os aspectos com o propósito de iniciar o trabalho de sujeito-leitor interagindo sobre o texto. Se, conforme diz Indursky, (1997),

"educar é preparar para a vida, despertar consciência", então a leitura só pode ser compreendida numa perspectiva crítica.

O leitor tem que ter ciência de que o contexto histórico influenciará na compreensão da leitura. A sua história de vida e consequentemente de leitura estará presente no processo de interação, pois, "a leitura é produzida em contexto sócio-histórico que deve ser levada em conta". (Orlandi, 1982. P.82).

Poderíamos então afirmar que a leitura não pode ser realizada de qualquer forma, uma vez que ler é antes de mais nada atribuir significação ao texto e atribuir-lhe significações nada mais é que reconstruir o texto com a sua leitura, podendo até mesmo surgir uma leitura não-prevista, pois a variedade do contexto em que ela estiver inserida, possibilitará ao mesmo texto ter "N" leituras.

A contribuição que o professor pode dar ao educando é respeitar as leituras prévias, que são trazidas para a sala de aula e estabelecer quando possível, relação intertextuais. A leitura deve ser feita de forma que o aluno procure outras dimensões no texto, que contribuem tanto com aluno como com o professor nesta interlocução.

Em busca de dados

Diante de vários estudos realizados, chegamos a um consenso de que escrever é formular, não apenas "copiar", e ler é interpretar o objeto (texto) e não decifrá-lo. Partindo dessa premissa, encontramos o eixo para a nossa análise: o que ocorre nas salas de aula na disciplina de Língua Portuguesa, mais especificamente na prática de interpretação de texto? Evidentemente, necessitamos fazer observações com profissionais na área da educação para a coleta de dados e análise frente à luz teórica aqui estudada.

Para a referida coleta de dados tivemos a necessidade de fazer observação em três salas de aula de séries diferentes, como numa 5ª, 6ª e 8ª séries. Logicamente com professores também diferentes com o intuito de acompanhar o trabalho pedagógico de cada um junto à produção de texto.

Nas observações utilizamos um caderno de campo, onde era relatado passo a passo o destrinchar da interpretação de texto, desde a leitura do mesmo até os finalmente.

Juntamente com esse processo, analisamos passo a passo a Proposta Curricular, o Planejamento Anual e outras leituras de profissionais da área, com os presente acontecimento do trabalho dos educadores para fazermos um parâmetro a que nível se encontram essas propostas no contexto escolar.

Na primeira aula observada, 6ª série, a professora entregou o texto aos alunos para que fizessem primeiro uma leitura silenciosa, depois uma discussão e em seguida uma interpretação oral. A atividade foi realizada em grupo de três. O texto utilizado pela professora fora retirado de uma revista "Sala de Aula": "Tapeçaria de Aracne" (anexo 1).

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Durante o processo de leitura do texto, boa parte dos alunos estava interessada ou mostrava-se totalmente alheia. Enquanto isso, a professora colocava três cartazes no quadro negro. Num deles estava escrito o nome do texto "A tapeçaria de Aracne", e os outros dois cartazes, onde apareciam escritas as seguintes frases: "Grupo dos que eram contra Aracne" e "Grupo dos que eram contra Palas". A professora não explicou o porquê daqueles, somente ressaltou que seria usado para o debate após a leitura.

Terminada a leitura a professora fez alguns comentários sobre o texto. De modo geral ela emitiu opiniões pessoais e induziu as opiniões de alunos de modo que as opiniões ambos coincidissem. Os alunos que respondiam de modo diferenciado eram simplesmente ignorados.

A aula terminou sem que o debate estivesse encerrado. Na aula seguinte a professora retomou o assunto mas não colocou cartazes, somente mencionou-os. Pediu para que os grupos já formados anteriormente respondessem o porquê eram contra ou a favor de Aracne. As repostas às perguntas feitas pela professora foram superficiais. Por exemplo: quando a professora perguntou porque eles eram contra Aracne, responderam simplesmente: "Porque sim, ou então", Ah! Professora ela era muito teimosa, por isso mereceu castigo: "Aracne não poderia ser orgulhosa, nem duvidar da Deusa Palas, por isso mereceu o castigo!"

É importante observar, que em nenhum momento nem professora e nem alunos, na interpretação do texto, saíram do significado literal, ficaram presos àquela exposição, não criticaram, não opinaram; os alunos não foram mediados pela professora para agirem de forma diferente.

Na aula seguinte a professora retoma o texto apresentado um questionário a ser respondido pelos alunos. Esta atividade foi denominada como "Atividade de fixação".

As questões propostas foram as seguintes: 1ª- Quem era Deusa da Sabedoria?; 2ª- Quem se disfarça sob forma de velha?; 3ª- Qual foi o bordado que Palas fez? ; 4ª- Qual foi a ilustração que Aracne fez?; 5ª- O que Palas disse quando Aracne tentou se enforcar?; 6ª- O que Aracne disse a Palas, quando estava com seu disfarce?; 7ª- Qual é o nome do texto que foi interpretado?; 8ª- Qual foi a origem de Aracne e o que se tornou?; 9ª- Esse texto mostra algum respeito que se deve ter com as pessoas mais velhas?; 10ª- Qual o nome dado pelos romanos à deusa da Sabedoria?

Dando o término àquela interpretação de texto apenas com a correção daquelas perguntas acima referidas.

Em uma outra turma observada, 5ª série, a professora começou a aula de Língua Portuguesa com a correção de tarefa de uma aula anterior. Em seguida pediu para que uma aluna de mais estatura, passasse na lousa o texto: "Curupira da mata". (anexo 2)

Enquanto isso as professora ocupava o seu tempo corrigindo algumas provas que havia dado naquela semana.

No momento em que o texto era passado na lousa, a sala estava em plena algazarra. Os alunos usavam o tema do texto para brincar entre eles. Após passado o texto, foram passadas também as atividades propostas para interpretação do mesmo.

Estudo do texto: 1- Relacione as palavras grifadas nas frases com os sinônimos abaixo: mister, índole, vigiando, fazer, predileta, nas matas, há sempre um herói cuidando, com, entardecia, e era a hora querida do

Curupira, como era de bom caráter, entendeu, toma várias formas para bem desempenhar seu trabalho.

Outro exercício, como: 2- Complete as definições abaixo com palavras retiradas do texto: protetor da natureza, conjunto de tradições e crenças populares, elemento químico, gasoso indispensável à vida.

O exercício seguinte era: 3- Complete as frases abaixo com as palavras do quadro: cada um tem sua brincadeira...,todos procuravam ..... sua missão, a boa..... faz as pessoas melhores, o seu..... era colaborar com as crianças.

E continua: 4- Assinale a alternativa incorreta de acordo com o texto: a- Curupira é o defensor das matas; b- Curupira não gosta de meninos; c- Curupira é o defensor das florestas.

5- Marque a alternativa que não traz características do Curupira: valente, calcanhar virado para frente, voz fraca, conhece segredos das matas.

6- Por que o Curupira batia nos troncos das árvores?

7- Complete, usando idéias do texto: a- Curupira é amigo se a gente .....; b- Curupira apareceu quando o garoto estava .....; c- Curupira, defendendo as árvores, defende também .....

Logo no oitavo exercício, o aluno teria que dar a sua opinião: a- O menino agiu certo machucando a árvore? Porque?.....; b- E o Curupira agiu corretamente ao ajudar o menino? Por quê?.....; c- - Por que o Curupira tanto quer e tudo faz para defender as florestas? .....; d- será que existe mesmo o Curupira ? Por quê?.....

Ao término da aula a professora pediu para que os alunos entregassem as respostas da referida interpretação.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

O texto, objeto de estudo, não foi lido pela professora, também não foi feita nenhuma observação com relação ao assunto (tema) do texto.

Na aula seguinte, de posse das interpretações feitas, a professora leu em voz alta as respostas de alunos, concordando com cada vírgula, reafirmando o que eles haviam respondido: "Muito bem, vocês responderam direitinho, conforme o texto fala".

É interessante registrar que, a professora tentou por diversas vezes, fazer uma ligação entre o tema do texto com a ecologia. Mas sim maior sucesso com os alunos. Colocando sempre, o seu ponto de vista para explicar o fenômeno das conseqüências dos desmates nas florestas.

Finalizando a aula, a professora pergunta se eles entenderam e os alunos respondem em tom de zombaria que "não".

Na 8ª série (outra turma observada), a professora pede para que os alunos se reunam em grupos de três. Eles demonstram gostar da idéia. Em seguida é entregue a cada grupo uma folha com um texto: " Rita está Acessa". (anexo 3)

Foi interessante observar que os alunos pararam a conversa, sem que a professora pedisse, com eleito de conseguirem entender o que era para ser feito com o texto.

O texto era para ser lido por cada grupo, eles acharam importantes e de dentro dessas frases elaborarem uma pergunta para seus colegas responderem. Visto que antes de fazerem a pergunta, teriam que colocar o seu ponto de vista à respeito do assunto tratado pelo texto.

Os alunos se mostraram entusiasmados com as atividades propostas.

Durante a leitura, a professora ficou somente como mediadora,

indo a cada grupo, auxiliando-os aqui e acolá, sempre quando solicitada, pelos alunos, para tirarem suas dúvidas a respeito da pergunta, se está bem elaborada ou esclarecer o significado das palavras desconhecidas.

Análise

Mediante o surgimento de palavras desconhecidas, os alunos solicitaram à professora, autorização para buscar o dicionário.

Não houve tempo suficiente para encerrar o debate, razão pela qual, ele foi retomado na aula seguinte.

Os grupos já formados anteriormente, retomaram suas posições, para que o debate acontecesse. Ao iniciá-lo, a professora pediu que cada grupo fizesse uma pergunta e lançasse à classe e que depois cada grupo respondesse, repetindo assim sucessivamente, de forma que todos interagissem no debate. Ela atuou como espectadora participando somente quando fosse necessário uma explicação em questões que eles não conseguissem esclarecer.

O primeiro grupo questionou sobre "Como os adolescentes se comportam diante do seu próprio desenvolvimento, corpo e mente".

Os alunos responderam com a maior satisfação, esclarecerem as suas dúvidas, expuseram suas frustrações, como no caso de uma aluna que aproveitou e contou a sua experiência do primeiro dia de menstruação.

Outros disseram que "a mulher é mais ligada nessas coisas" ou ainda que "a mulher muitas vezes não está preparada psicologicamente para quando a sua menstruação vier, por falta de esclarecimento dos pais".

A professora estimula o debate dizendo aos alunos: "Vocês também podem acrescentar alguma coisa ou discordar do que eles disseram".

Todos participaram ativamente no debate. Alguns alunos foram além dessas perguntas e contaram seus medos: "Quando a minha mãe

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

menstruou, ficou mocinha, ela pensou que tinha mijado a beterraba que tinha comido!".

Para finalizar o debate, a professora lançou uma pergunta geral: "Quando vocês têm dúvidas, a quem vocês recorrem?

E novamente os alunos discutem, fazem reflexões sobre a pergunta. O segundo grupo pergunta porque é difícil para os pais verem seus filhos crescerem e os demais grupos responderam: "Porque eles tem medo de nos perder!"

O terceiro grupo pergunta: "O que vocês acham do significado do título do texto "Rita está Acesa"? Um dos grupos respondeu que "é o chico dela", ao que todos riem e o debate prossegue, outra pergunta surge: Por que o homem tem mais liberdade que a mulher? E eles tem como resposta. " E porque eles não engravidam, ora!"

No desenrolar do debate surge assunto sobre puberdade, transformação do corpo (aparecimento de pêlos, seios e etc), a transformação da personagem do texto, Rita. E a professora fecha o debate com a idéia central "Menstruação".

Em seguida é entregue a eles um outro texto de Marta Suplicy, cujo título é "Responsabilidade Sexual". (anexo 4)

Com relação a este texto, os alunos deveriam proceder da mesma forma do outro. Então, eles rapidamente pararam a discussão sobre o texto anterior, e retornaram à leitura.

Essa atividade deu-se num processo mais rápido, pois faltava pouco tempo para o término da aula e eles queriam discutir o assunto naquela mesma aula. Então, depois de quinze minutos todos retornaram ao debate. O primeiro grupo pergunta : "Por que os homens se divertem com suas namoradas?"

Alguém responde que isso é coisa de machista, que na verdade não é bem assim que acontece, com todos. Cria-se uma polêmica à pergunta, e todos querem falar um pouco.

Nova questão é levantada: "Porque quando a mulher engravida nunca os homens querem assumir o filho?" Um dos alunos diz que: "Ela tem que provar que é dele, uai!" O outro lembra que: "Não é só o fato de engravidar a mulher fica exposta às diversas doenças venéreas!"

Outras questões são lançadas e as respostas fluem naturalmente. "Para que a responsabilidade de ter relação sexual?" Os mesmos respondem em coro: "Para não quebrar a cara!"

Surge mais uma pergunta: "Qual a diferença do amor entre casais e filme pornográfico?" Uma menina responde exaltada: "O casal quando transa, tem sentimento em jogo!"

O outro grupo pergunta: "Por que a mulher sabendo o risco que corre, não se previne?" Em um grupo de meninos grita: "muitas vezes ela tem medo de usar alguns métodos de prevenção, ou até mesmo por comodismo pode ser que elas não se previnam!"

Partindo dessas observações, consideramos que dentro do âmbito escolar, a presença e o uso da leitura são constantes, em quaisquer que sejam as disciplinas. É necessário reconstruí-la a partir desse contexto, particularmente em sala de aula. Dentro do processo individual ora observado, ocorreu algo distinto com cada educador na prática de leitura e na interpretação de texto, e portanto, é necessário analisá-los em conformidade com o conhecimento demonstrado por cada um.

Segundo o Planejamento Anual (1998) , elaborado pelos professores de Língua Portuguesa, o "Objetivo Geral" reza que "O aluno

deverá ser capaz de se relacionar, linguísticamente, em situações formais e informais, tanto na escrita, como na oralidade com bastante desenvoltura e segurança, sendo capaz de dialogar, argumentar e opinar, a partir de suas idéias formadas sobre si e o mundo que o cerca". Tendo como um dos seus "Objetivos Específicos" "Possibilitar ao aluno a prática de leitura nos níveis de decodificação, compreensão e interpretação."

Diante dessas metas a serem alcançadas, observaremos a que nível estão coerentes com a prática em que aspecto essa prática pedagógica é condizente com esse planejamento.

A análise deu-se num processo bastante complexo em que nos foi possível observar diferentes tipos de atividades na produção das leituras nas quais os alunos apropriam-se dos conhecimentos expostos.

É possível identificar o tipo de "ensino" evidenciado pelo professor pela sua forma de ministrar as aulas, de sequenciar suas idéias, ou pela forma com que requerem a participação dos alunos, ou ainda pelo tipo de material didático que ele usa como chamativo para a atividade.

Baseando-nos nas informações obtidas, soubemos que as duas primeiras professoras são habilitadas, porém, apresentam-se de forma totalmente distinta em suas práticas pedagógicas. A primeira não habilitada entretanto sua prática pedagógica é compatível com a segunda que é habilitada para a área onde atua.

Os exercícios que foram dados nas aulas das duas primeiras professoras somam um conjunto de práticas mecanizadas. O "estudo do texto" proposto é facilmente previsível para o aluno, até pelo fato de ser ritual da maioria dos professores . Tal quadro é retratado por Indusky quando ela diz que "a leitura proposta pela escola é uma leitura mecânica,

padronizada, linear, realizada apenas em nível de identificação. A leitura é um projeto programado, pelo professor para obter uma resposta única e universal". (Indursky , 1992: 23.)

Na observação da 1ª turma, foi possível ver que os alunos mostram-se desmotivados, apáticos, muito embora, tenha havido um momento de euforia com alguns dos alunos quando a professora colocou os cartazes. Esta euforia momentânea esvaziou-se na aula seguinte, com a interpretação do texto.

Práticas como esta, integradas ao processo de aprendizagem, não farão leitores críticos, não serão capazes de despertá-los para a consciência de que precisam estar atirando sobre vários assuntos em aspectos diferenciados. É necessário, portanto organizar situações de leituras que possibilitem a discussão e reflexão sobre os temas dos textos.

Entretanto segundo Indursky "A leitura proposta pela escola é uma leitura mecânica, padronizada, linear; realizada apenas em nível de identificação"

Já a última professora utilizou-se de apenas um único recurso, a língua oral, como proposta de interpretação de texto, fazendo com que os alunos se motivassem a ler com atenção. Ela escolheu temas do cotidiano dos alunos e discutiu-os de forma plena, dando a todos oportunidades de exporem seus pontos de vista de modo crítico. Tal prática está de acordo com o pensamento de Indursky que diz que "Se educar é preparar a vida , despertar consciência, compreender e transformar a realidade, então a leitura só pode ser compreendida numa perspectiva crítica". (Idem). E dentro do processo de interpretação oral de um texto, também se podem observar diversas formas de avaliar a compreensão dos alunos ou de comprometê-los na interpretação

do texto. Desse modo, o objetivo geral, do Planejamento Anual será alcançado.

A atividade de ler e interpretar supõe muitos conhecimentos e estratégias não incluindo o esquema tradicional de interpretação de texto (Questionário). Para um leitor é fundamental um estímulo a essas atividades de modo a que esteja exposto a grande variedade de tipos de interpretação e assim tenha relação mais amistosa com o texto, e até mesmo, uma compreensão do inteiro teor do texto. O professor terá contribuído com as leituras previstas para um texto quando "modificar as condições de produção de leitura do aluno dando a oportunidade para que ele construa sua história de leituras". (Eni Orlandi , 1982 p. 88). Cabe ao professor fazer a mediação entre aluno/texto, de modo a que o aluno dialogue com o texto resgatando dele sua historicidade.

As duas primeiras professoras seguiram o receituário de como escrever. Ao selecionarem o texto a ser trabalhado, pensaram em proporcionar aos alunos definições ou rumos pré-estabelecidos. No uso do questionário a intenção sobretudo foi de fazer formulação de perguntas em respostas, concernentes ao desenvolvimento do texto sem contudo abrir espaço para o aproveitamento.

É necessário, portanto, organizar situações de interpretação de texto que possibilitem a discussão e reflexão sobre o tema trabalhado. Desse modo é possível ao professor conhecer as concepções que os alunos possuem sobre o que está sendo lido. Assim podendo intervir para ajudá-lo a pensa sobre essas questões levantadas e avançar para além delas. "Para tanto, a escola precisa oferecer variados materiais impressos de leitura, que sirvam

como referência e fonte de informação ao processo de aprendizagem "da linguagem escrita".

O trabalho dessas professoras se restringiu à leitura silenciosa e posteriormente a responder as perguntas cujas respostas já estavam postas no texto. Como por exemplo a pergunta: "Quem era a Deusa da Sabedoria? Ao que os alunos deveriam responder. "Era Palas".

Neste tipo de atividade, basta o aluno decodificar o texto, não há necessidade de nenhum posicionamento crítico o que contradiz com as idéias do Parâmetro Curricular (1998: 54), que entende que

> *"Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreende o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos".*

Já a atividade da última professora observada, foi mais contundente. Deu aos seus alunos a oportunidade deles formularem perguntas e responderem conforme haviam entendido o texto, Daí sim, o processo de interpretação de texto ganha outro aspecto. O aluno foi levado a pensar, precisa ler e compreender para conseguir formular as perguntas e não xerocopiar partes do texto. E o mais importante, teve encontrar o caminho para buscar respostas. As respostas dadas às questões surgidas, foram todas

individuais pois cada um compreendeu e interpretou o tema a partir de sua leitura de mundo. Desse modo, as diversas leituras feitas, proporcionaram a todos um enriquecimento uma vez que ampliaram seu próprio universo de leituras.

> *"Isso significa trabalhar com a diversidade de textos e de composição entre eles. Significa trabalhar com a diversidade de objetivos e modalidades que caracterizam a leitura, ou seja, os diferentes 'para quês' – resolver um problema prático, informar-se, divertir-se, estudar, escrever ou revisar o próprio texto- e com as diferentes formas de leitura em função de diferentes objetivos e gêneros: ler buscando as informações relevantes, (...), ou dados para a solução de um problema" (Idem: p.54)*

Neste tipo de trabalho, o papel do professor será o de mediador. Os alunos poderão responder de forma sincera, conforme o que eles entenderam, estimulando a sua criatividade, diferenciando a resposta de cada aluno, visto que todos neste ato, estariam comprometidos com o texto. Nessa "compreensão de texto", haverá uma ligação de interlocução entre aluno/texto, uma vez que "ler criticamente é admitir pluralidade de interpretação, desenrolar significados ocultos, resgatar a consciência do mundo, estabelecendo, por meio dela, uma relação dialética com o texto". (Indursky: 22).

O professor deve saber que a leitura faz com que o leitor não só descubra o significado literal das palavras e expressões, mas à medida em que

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

ele vai lendo, traz os significados de seus conhecimentos adicionais (leitura de mundo). Estes oriundos de seu modo pessoal de interpretar o que já fora lido, vindo à tona toda a sua história de vida no instante dessa leitura. Entendendo se que ler um texto é:

> *"conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista".(Layolo, 1981 :59)*

Essa pode ser uma boa oportunidade para esses alunos se envolvam significativamente com o texto, e que a finalidade deste trabalho não seja apenas a resolução de pequenos problemas do cotidiano, mas sim que aprendam a interagir com diversidade de textos escritos, (revistas, jornais, etc), - testemunhando leituras que outros leitores já fizeram; negociando dessa forma conhecimento entre si. O professor não deve perder de vista, para cada objetivo diferente, exige-se diferentes leituras de texto.

No caso das duas primeiras professoras, elas não procuram proporcionar aos alunos leituras múltiplas levando consideração que cada leitor há uma ou mais leituras possíveis. Conforme certifica o Parâmetro Curricular, (1998: 57).

Devemos superar o

> *"mito da interpretação única, fruto do pressuposto de que o significado está dado texto .O significado dado ao texto somente*

> *será construído pelo esforço da interpretação de cada leitor, a partir não só do que está escrito, mas do conhecimento que traz para o texto". Embora o ponto de partida da leitura seja previsto, as leituras previstas devem entrar como um dos componentes das condições de produção da leitura e não como constituinte determinante dela".*

A apresentação do texto nos três casos foi de fonte particular (não usaram livros didáticos). Nos dois primeiros casos, a utilização desses textos foi feita integralmente conforme o pedido do professor, pois ele relacionou o que ler e de que modo ler. Assim as respostas já estavam pré-estabelecidas.

Mediante tal prática, perde-se de vista que a leitura em sala deve ser um processo onde é possível criar leitores críticos e não apenas decodificadores que atuam sem questionar, sem posicionar-se. O professor como fonte de mediação entre leitor (aluno) e texto, tem que criar artifícios para retirar o aluno da leitura acomodadora, que não trará nenhum benefício para seu crescimento intelectual.

Outro ponto fundamental a ser questionado, é quanto à escolha desses textos. Será que os temas destes textos quando escolhidos foram pensados pelas professoras? Condizia com o conhecimento dos alunos? Estavam claros aos olhos destes? Condiziam com a idade dos estudantes? Convém lembrar que as classes, em sua maioria, são heterogêneas em todos os aspectos, uma vez que os alunos divergem na idade e nas condições

sociais. Tais questionamentos são de suma importância, pois, para se trabalhar com os alunos na prática de interpretação de texto, o assunto a ser tratado deve estar claro para eles, pois caso ocorra o contrário, esta leitura será vazia e não contribuirá em hipótese alguma, para que futuramente esses alunos possam fundamentar opiniões.

Retomando às observações, quando a primeira professora procurou trabalhar com tema mitológico, supunha-se que seus alunos já tivessem leituras anteriores sobre o assunto. No caso observado, foi verificado que os alunos eram alheios a ele, não tinham nenhuma condição de discutir esse tema. O desconhecimento do assunto e o não esclarecimento por parte do professor gerou desinteresse dos alunos. Alguns desses alunos, nem sequer conseguiam responder as perguntas tão óbvias como as que foram dadas. Isso reforça a afirmativa de que o trabalho feito através de questionários, tal como foram elaborados, não possibilitaram aos alunos caminhar de modo pleno nas suas leituras. A heterogeneidade da sala de aula, foi o fator que mais dificultou o trabalho dada a complexidade do tema.

A interpretação, a leitura do texto tem que ser um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção e de significação do texto, a partir do seu objetivo, e com, conhecimento sobre o assunto ora lido, não vindo obviamente, buscar informação no texto . Trata-se de uma atividade que implica sistematicamente compreensão onde idéias começam a ser constituídas anteriormente à leitura propriamente dita.

No terceiro caso, onde a professora trabalhou um tema comum, a sexualidade, as experiências vividas, as situações sociais conflitantes, que envolvem essa experiência, foram trazidas para o debate. A opinião individual e grupal, os medos, fracassos e sucessos foram expostos e

comparados com os problemas conhecidos e apontados no texto. Assim, a professora procurou aproveitar o máximo possível a vivência dos alunos . Nesse processo de êxtase foi fundamental "a rebeldia", pois interligada a esse momento, torna-se construtiva.

O aparecimento da "rebeldia", revelou a opção dos alunos por diferentes posturas e até a rejeição ao caminho percorrido pelos colegas, mostrando que a "rebeldia", nesse caso específico, serviu para fomentar mais vigorosamente o debate, tornando-se um meio pela qual se tem acesso à leitura de vida do aluno. Muito embora sendo uma relação indireta, é possível conhecer a história do leitor em relação às leituras significativas. Quaisquer que sejam as considerações específicas sobre a prática de ensino em sala de aula, é preciso que se tenha claro que toda e qualquer metodologia de ensino. Envolve diversos fatores que implicarão na compreensão e interpretação da atividade trabalhada.

Os alunos em sua maioria depois de lerem os textos evidentemente responderam de forma convencional, porém, alguns mostraram formas mais claras de questionar ou responder, pela influência de adultos ou amizades com as quais haviam se relacionado. Nesta revelação, os adolescentes, em geral mostraram-se bastante criativos, capazes de levantarem questões muito originais ou "adaptarem" as leituras aos seus conhecimentos. Os que haviam respondido de forma convencional, ao defrontarem-se com esse tipo de texto bem diferente daqueles que conhecem, ao ouvirem as opiniões dos colegas, reformularam suas hipóteses a respeito do assunto apresentado, fazendo acréscimos sobre suas leituras de mundo.

"O leitor, sujeito de uma leitura dinâmica e não paciente de uma leitura padronizada,

recebe muitas informações que constituem seu referencial. O sujeito-leitor interage com o texto, relaciona-se dinamicamente com ele. Estabelece trocas analisa, questiona, capacitando-se para relacionar dados significativos desta experiência. Somente então, ultrapassada esta etapa, ele terá condições de posicionar-se, ou seja, exercer-se criticamente". (Indursky, 199(?): 23)

Considerações Finais

Parece-nos que o ensino de Língua Portuguesa, mais precisamente a prática de interpretação de texto, é hoje aquele que em nível de 1° grau padece de maior falta de definição de objetivos em nossas escolas. Poucas vezes se tem descutido entre os professores o seu papel e os objetivos que devem ser proporcionados com o ensino dessa prática.

Percebemos que as professoras observadas, utilizam-se em suas práticas de ensino, de métodos, técnicas e os mais diferenciados processos. E freqüentemente temos observado uma grande frustração dos alunos, porque esses métodos em sua maioria não os conduzem a nada.

A questão fundamental desse ensino é portanto possibilitar ao educando inserir-se em sua realidade cultural. E essa realidade cultural é compreendida, através de textos trabalhados de forma crítica compreendida não apenas no aprendizado de uma leitura mecânica, padronizada.

A prática de interpretação de texto, deve procurar inserir o aluno no universo da linguagem escrita, com o objetivo de possibilitar-lhe o acesso aos procedimentos da produção do saber.

A realização dessa observação, especialmente no que tange à última professora observada, demonstrou que a utilização dessa prática de ensino, por parte dos professores durante as aulas expositivas, é fator positivo no rendimento do aprendizado intelectual dos alunos. Nestas aulas o texto antes de tudo, foi texto-testemunha, onde eles registraram num processo de desenvolvimento de suas consciências, os entraves que se encontraram interpostos entre as idéias expostas pelos textos foram capazes

de testemunhar as ações transformarem as idéias. Esses textos poderiam ser um desafio desde que diante da leitura estimulada, atiçada pelo professor , por debates, os entraves pudessem ser removidos, contornados, superados ou até incorporados em seus cotidianos.

No caso da professora, a que refiro, os textos foram bem escolhidos, e bem trabalhados, servindo como uma porta aberta para o mundo da linguagem. O mundo onde eles fizeram parte atuando significativamente.

Já no caso das primeiras professoras, os textos foram de ordem literária, poderiam ser trabalhados da mesma forma, desde que fizessem os alunos enxergar o mundo que existia naquela linguagem. O resto seria apenas mistérios, onde caberia cada um deles mergulhar e explorar os todos e quaisquer barreiras implícitas naquele texto, tornando-os leitores cujo espírito seja desbravador, para que nunca descobrissem que esse tempo não lhes foi dado, não lhes foi construído de modo a que se tornassem bons leitores.

É preciso que os alunos compreendam que a prática de leitura é instrumento indispensável em seu crescimento, com o intuito de que haja ligação entre o indivíduo e a realidade histórica em que vive.

Quanto aos professores que não agiram dessa forma é importante ressaltar que sem essa mudança de comportamento, serão sempre vistos como elementos que impedem o desenvolvimento de uma ação concreta, a leitura, voltada para os interesses sociais de seus alunos através de suas práticas cristalizadas não conseguirão intervir de maneira efetiva para mudar as suas vidas, nem a sociedade na qual estão inseridos. Mais tarde, essa sociedade exigirá a sua participação para que todos juntos possam construir uma nova realidade.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Bibliografia

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 34 ed. – São Paulo : Cortez, 1997. – (Coleção questões da nossa época; v.13).

GERALDI, J. Wanderley. O texto na sala de aula. Leitura e Produção. Educativa – Paraná 1991.

GERALDI, J. Wanderley. Prática da leitura de textos na escola. IEL. Unicamp.

INDURSKY, Freda & ZINN, Maria Alice. Leitura, teoria e prática. Campinas . 2 (2): 22- 36 dezembro 199(?)

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Discurso e leitura. São Paulo: Cortez; Campinas, SP : Editora da Universidade de Campinas, 1993

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Significação, leitura e redação. . São Paulo: Cortez; Campinas, SP : Editora da Universidade de Campinas, 1993

ORLANDI, Eni Pulcinelli.. Discurso e leitura . São Paulo: Cortez; Campinas, SP : Editora da Universidade de Campinas, 1993

Parâmetros Curriculares Nacionais. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/ SEF, 1997. 164 p.

PINO, Angel. Ensinar – Aprender em situação escolar. Perspectiva socio-histórica. Unemat.

SILVA, Lilian Lopes Martin da. Leitura , teoria e prática. Campinas 3(4): 38 –45, dezembro/ 1989.

ANEXOS

"Tapeçaria de Aracne"

Há muito tempo, na Grécia antiga, contavam que Palas, a deusa da Sabedoria que mais tarde os romanos chamariam de Minerva, ensinava todos os segredos de fiação e tecelagem a uma moça chamada Aracne.

Aracne era de origem humilde, mas se tornou tão habilidosa com fios e tramas que até as ninfas dos bosques e dos rios vinham vê-la trabalhar. Não só porque os tecidos que fazia eram incomparáveis, mas até porque a graça de seus movimentos tinha a beleza de uma arte, desde que puxava os chumaços de lã ou cânhamo até quando fazia novelos e meadas. E principalmente, depois, quando a linha macia e longa se convertia em belos panos num tear ou era ricamente bordada em desenhos divinos. Divinos sim, pois todos os que viam o trabalho de Aracne logo concluíam que ela aprendera seu ofício com Palas, e cobriam a deusa de louvores..

Ora, quanto mais atenção atraía, mais Aracne se ofendia com os elogios a Palas e negava qualquer mérito a deusa. Até que certo dia acabou exclamando: "Sou muito melhor tecelã que Palas! Se ela viesse competir comigo, todos iam ver isso. E, se me vencesse, poderia fazer comigo o que quisesse". Antes de aceitar o desafio, a deusa se disfarçou e veio visitar Aracne sob a forma de uma velha, aconselhando-a a respeitar a experiência e a sabedoria dos anciãos e a reconhecer a superioridade dos deuses.

- Se você se arrepender de suas palavras e pedir perdão, tenho certeza de que Palas a perdoará – disse.

- Você está é de miolo mole, sua velha. Quer dar conselho vá procurar suas netas... Eu me defendo sozinha. Palas tem medo de mim. Se não tivesse, já teria vindo me enterrar.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

A velha deixou cair o disfarce e se revelou em todo o seu esplendor:

- Pois Palas veio, sua tonta!

As ninfas e todas as mulheres se prostraram diante da deusa, mas Aracne manteve seu desafio. Sem perder tempo cada uma das duas foi para um canto do enorme salão, com seus novelos, meadas, fios e seu tear. Durante muito tempo, uma belíssima tapeçaria foi surgindo em cada tear. Palas fez questão de ilustrar em seu bordado todas as histórias de mortais que tinham desafiado os deuses e os terríveis preços que tiveram de pagar por isso. Aracne, por outro lado, mostrou em sua tapeçaria os inúmeros crimes que os deuses já tinham cometido, recriados com a exatidão e minúcia de detalhes. Cada uma, ao final, rematou com uma preciosa moldura tecida. Ninguém se surpreendeu com a perfeição da obra de Palas. Mas quem ficou surpresa foi a deusa, pois, por mais que procurasse o mínimo de defeito na obra de Aracne, não conseguiu encontrar uma única falha. Com raiva, bateu várias vezes com seu bastão na testa da tecelã. Não suportando a dor, Aracne passou um fio no pescoço para se enforcar. Mas Palas teve pena e a segurou, suspensa no ar, dizendo:

- Você tem má índole e é vaidosa mas tenho que respeitar sua arte. Não admito que morra. Porém, você e seus descendentes viverão sempre assim, suspenso o tempo todo.

E ao partir, borrifou-lhe uma poção que fez o cabelo da moça cair, a cabeça e o corpo encolheram, os dedos cresceram, e a transformou para sempre numa aranha, condenada a fabricar fio e teia até o final dos tempos.

Sempre com perfeição incomparável.

Curupira herói da mata".

É, dizem que nas florestas, nas matas, há sempre um herói vigiando o chamado Curupira.

E por isso que na floresta do meu sonho.

Não entra o mal e a mentira.

Seu guarda alegre e risonho

É um valente Curupira

Mas, sendo Curupira valente, ele adapta sua valentia defendendo as matas, o que é muito bom. Dizem que tomam várias formas para bem exercer seu mister. É coisa estranha, ele tem os calcanhares virados para frente, e parece ser jovem. Mas é forte, o danado! E que voz! Dá guinchos, grita, pode até voar, e o que consta.

E como conhece os segredos das matas guarda as árvores e é claro que experimenta batendo nos seus troncos para verificar se estão com saúde e resistência.

A floresta é esta casa encantada, e quando quer, se aproximada , dos viajantes sem aparecer.

O Curupira é amigo da gente se a gente for dos vegetais.

Uma vez um menino perdeu-se numa floresta. Ele levava consigo uma machadinha e começou a bater numa arvore alta para fazer uma espécie de escadinha e subiu ao alto para de lá longe passava uma estrada.

Também queria se esconder de animais ferozes se estes aparecem. E entardecia era hora predileta do Curupira entrar no seu serviço de vigilância. E quando viu o menino bater na árvore, apareceu, e apareceu mesmo!

Tal foi o susto do garoto que o machadinha voou longe e ele caiu desmaiado.

O Curupira soltou guinchos gritos de alegria, pulou com os pés virados acariciou o tronco machucado da árvore e acha que até a beijou. Lá ficou vigiando. Entretanto, como era de boa índole, entendeu que o menino não fizera aquilo por maldade e resolveu ajudá-lo.

Quando amanheceu deu jeito, guiou-o sem ser visto para fora da floresta e ficou todo feliz por ter salvo a sua querida árvore. E também por ter dado uma lição no garoto. Ele jamais se esqueceria daquela noite.

O Curupira defensor das matas, das florestas é uma das figuras simpáticas do nosso folclore.

Naturalmente ele sabe que as plantas sofrem ao serem maltratadas.

E porque sem as árvores estaríamos sem oxigênio tão necessário a vida de todos, e os campos, estariam abertos para os venenos que poram o ar, e costumam também sair das chaminés. (Marina Fricânica)

"Rita está Acesa"

- Dona Adélia, por que quando a gente vira moça a gente fica machucada por dentro? É ruim, né?

Ela olha mais séria e sorri com os olhos. A pergunta vem colocá-la mais perto de mim. Fico escutando ela e me vendo por dentro:

- Rita, minha mocinha, dentro de nós, todos os dias acontecem coisas lindas. Quando a menina chega na sua idade, na de assunção ou Marta, o corpo começa a se enfeitar, os seios crescem, a pele reage; dá espinhas, ou fica mais lisa como a sua, nascem pêlos.

- Debaixo do braço?

- Também e em outros lugares.

Eu fico vermelha e escondo a cara, ela continua:

- Mas tudo isso é lindo, porque aí você vai virando uma mulher, para ser capaz amanhã de se unir a um homem, num ato de amor, e Ter filhos, como sua mãe. Nada disso que se passa com você é vergonhoso. Não deve ficar vermelhinha, como agora, por Ter vergonha de falar sobre isto.

Fico mais junto dela.

- Todas essas mudanças de corpo e espírito são lindas. E os próprios homens percebem isto e admiram este período da adolescência de uma mulher.

- Eles também mudam, não mudam.

- Muito, filha, muito. Engrossam a voz. Ganham os primeiros fios de barba e todo o corpo reage no mesmo sentido de uma mulher, para que amanhã os meninos virem homens e possam ser pais. Você, por exemplo, está muito mais bonita hoje.

- Quem contou pra senhora que eu virei moça?

- Você está tão bonita que adivinhei. E você não veio mesmo para me falar?

- Eu... eu...? Eu... É...

É uma coisa que toda mulher tem, e, se não tiver, aí é que está tudo errado, ela não poderá ser mamãe. Sua mãe já sabe?

- Não, senhora – torno a abaixar a cabeça – ela vai Ter neném e pensa que sou uma menina de nada.

- Toda mulher, nos dias de ganhar neném, fica muito preocupada. Mas hoje você vai contar para sua mãe, ele vai ficar feliz de ver como você já é uma mocinha.

- A Dindinha disse que eu já sou uma mocinha mesmo, e que eu não precisava nem de importar quando isto viesse, porque era bonito ser moça.

- Então?! Você já tem "modess"?

- A Ana tirou da mamãe, que vai levar para hospital.

- Vou te dar uns. E você troca sempre que precisar.

- Mas se a gente for correr, isto cai? A Ana pregou com alfinete.

- Venha cá.

Com muito carinho me ensina todas aquelas coisas custosas, que já estão me enchendo a paciência. Como mais uma broa e volto pra casa. Corro no quarto, visto o sutiã, uma lindeza! Ana vem também saber o que estava no embrulhinho.

- Bonito, mesmo. Mas um só?

Não vou tirar ele mais. O dia que sujar, você lava?

- É muito chique, só se lavar com sabão de coco.

(Alvarenga, Terezinha. Rita está acesa. Belo Horizonte, Comunicação, 1986)

E o que é responsabilidade sexual?

- É saber respeitar os seus sentimentos e o corpo.

- É saber respeitar os sentimentos e o corpo do outro .

- É pensar e tomar providências quanto à responsabilidade de gravidez.

A responsabilidade sexual implica também Ter clareza clareza sobre o que aquela relação significa para você e para o outro.

- É curiosidade?

- É para fazer filhos?

- É para demonstrar o amor?

- É para Ter prazer?

Porque nenhuma possibilidade é boa ou má mesma? Na maioria da vezes, alegria ou aflição depois da relação sexual deriva da honestidade que se teve para consigo mesmo e para com outro, do respeito que se teve por si mesmo e pelo outro, e de estar correndo ou não riscos de uma gravidez indesejada.

Quando se decide por ter uma relação sexual é importante ter claro para você e para seu parceiro o que vocês pretendem com essa intimidade. Imagine se o homem tem relação sexual porque quer se dividir e a garota porque está apaixonada por ele. Ele falta com respeito para com ela se a engana quanto aos sus sentimentos. Uma moça que tem a relação sexual para ficar grávida, se não discute isso com o parceiro, está faltando ao respeito para com ele. Se uma pessoa tem relação sexual porque "todo mundo está tendo", falta com respeito aos seus próprios sentimentos e ao seu corpo.

A responsabilidade em relação à possibilidade da gravidez é algo extremamente sério. Isto porque implica pôr um bebê no mundo. Essa é uma responsabilidade do dois parceiros.

A gravidez pode ocorrer desde a primeira relação sexual, se a moça estiver no período fértil. Caso os dois não desejem ter filhos, devem providenciar um tipo de anticoncepção antes e iniciar a relação sexual.

(Suplicy, Marta. Sexo para Adolescentes. São Paulo, FTD, 1988)